



TRILHA DAS JOANINHAS PELA CIDADE: Pedagogia decolonial e arte

Ana Caroline Lopes Brandão¹

EIXO TEMÁTICO: – Pesquisas e experiências com bebês na urbe

RESUMO

O trabalho consiste em promover a pedagogia decolonial na creche construindo com as crianças vivências interculturais, visando a quebra do racismo estrutural desde a infância, com práticas lúdicas e culturais, tendo a arte como parceira nas propostas. Durante o ano de 2019, com um grupo de crianças de 3 anos de uma creche pública do município de Santo André, realizamos diversos passeios. Os que serão abordados nesta análise foram os realizados ao Museu Afro Brasil, à Pinacoteca do Estado de São Paulo com a exposição Sopro, de Ernesto Neto, e à feira livre para pesquisa sobre alimentos indígenas.

Palavras-Chave: Pedagogia decolonial, Arte, Creche.

Modalidade 2 - Projetos e Práticas

INTRODUÇÃO

Durante o ano de 2019, em parceria com um grupo de crianças de 3 anos, desenvolvemos o Projeto “Poranduba das joaninhas”. O objetivo consistia na promoção da pedagogia decolonial e intercultural dentro (e fora) do espaço educativo destinado a atender crianças pequenas.

Poranduba, que na língua tupi quer dizer história, dialoga muito com os encontros do grupo das Joaninhas (nome escolhido para nomear o grupo pelas crianças). Sempre atentas às novas experiências, as crianças, de cerca de 3 anos ocuparam os espaços da cidade, construíram suas culturas e apreciaram as diferentes manifestações artísticas e culturais nos passeios realizados. Uma das

¹ Pedagoga (FEUSP). Mestranda em Educação (FEUSP). Professora de Educação Infantil no município de Santo André- SP, Brasil. Contato: ana.caroline.brandao@usp.br



intenções dos passeios, devia-se a apropriação das crianças dos espaços públicos, permitindo sua circulação em espaços muitas vezes considerados inadequados às crianças pequenas, o que nos possibilitou, além da afirmação da pequena infância na cidade, mostrar aos sujeitos (adultos) que as crianças podem permanecer em espaços culturais com organização, apreciação, e respeito pelos estabelecimentos.

Trilha das joaninhas

Nas creches, assim como nas aldeias, concebe-se a educação das crianças como um dever de todos. Entende-se que as crianças podem permanecer e aprende com seus pares e também com os mais velhos. Logo, a aprendizagem nas comunidades indígenas acontece em diversos lugares e relações dentro da aldeia. Entende-se portanto a pedagogia pela ótica de que todos educam todos, inclusive a cidade e seus espaços. Encontra-se nessa perspectiva a possibilidade de interlocução entre as culturas originárias do Brasil e as culturas produzidas na creche.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular, a creche tem “o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades das crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar”. Sendo assim, “[...] a instituição precisa conhecer e trabalhar com as culturas plurais, dialogando com a riqueza/diversidade cultural das famílias e da comunidade” (BNCC, 2018, p. 36). Deste modo, ter a pedagogia decolonial como base para as práticas com as crianças é uma forma de derrubar o racismo presente sob diversas camuflagens, como desenhos midiáticos estereotipados, comemorações de datas vinculadas somente a determinadas religiões, preterimento afetivo de crianças negras, importação cultural do que é considerado belo nos padrões euro-usa-cêntricos (WALSH, 2010), adultocêntricos e patriarcais.

Nesse contexto, é fundamental que desde a creche, as crianças conheçam aprendam a valorizar as raízes do povo brasileiro. Constitua-se como cidadãos que saibam dialogar e respeitar as diferenças; apreciem as Artes e tradições indígenas e afro brasileiras ; estreitem relações com seus pares por meio de brincadeiras de roda, danças, cantigas e demais elementos da memória e ancestralidade dos povos originários.



Para que as experiências se tornassem palpáveis, no decorrer do ano realizamos diversos passeios com focos artísticos e culturais. Fomos à Pinacoteca do Estado de São Paulo para apreciação da exposição “Sopro” de Ernesto Neto,

“Desde 2013, o artista vem colaborando com os povos da floresta, principalmente a comunidade indígena Huni Kuin, também conhecida como Kaxinawá. A população dessa etnia, com mais de 7.500 pessoas, habita parte do estado do Acre e forma a mais numerosa população indígena do estado.” (PINACOTECA, 2019).

Na Pinacoteca, as crianças tiveram contato sinestésico com as obras do artista. Manipularam suas esculturas e apreciaram as diferentes relações das obras com a natureza. A visita não foi monitorada, por falta de pessoas frente a demanda do público para visita à exposição, entretanto, nos permitiu maior apreciação das obras que mais chamavam nossa atenção.

O passeio trouxe ao grupo a emoção de estar em um lugar novo e cheio de encantamentos. Conforme a curadoria da exposição, a intenção das obras era mostrar a integralidade do planeta, a natureza em suas várias nuances. Acreditando na forte relação que as crianças estabelecem com a natureza, o olhar de expectadoras das obras, que podiam ser tocadas e sentidas, foi um momento marcante de ocupação das crianças em espaços culturais, com lembranças e significações que foram depois compartilhadas em roda de conversa.

A visita à feira livre do bairro foi motivada pela busca de alimentos de origem indígena, fomentando as pesquisas do projeto sobre lendas, a história disparadora para a excursão foi a lenda da mandioca. Notando que poucas crianças gostavam ou conheciam o alimento, organizamos a saída para conhecer o alimento, aproveitando para coletar outros legumes e verduras utilizados na culinária indígena e próprios da cultura brasileira, como milho, banana, pirão.

Conhecemos também o Museu Afro Brasil localizado no parque do Ibirapuera. O passeio foi realizado em outubro, quando o grupo já havia explorado diversas vivências, ritmos, literatura e costumes relacionadas à cultura afro-brasileira, como capoeira, maracatu, maculelê, axé, samba, lendas africanas, entre outras propostas. Um dos momentos mais significativos da visita ao museu foi quando o grupo se deparou com um enorme Bumba meu boi, “igual ao que temos na sala” conforme diziam ao vê-lo. O personagem do folclore é conhecido e amado pelas crianças, temos uma representação sua no teto da sala, no centro, repleto de fitas e decorado pelas mãos do grupo todo ele é um símbolo do nosso projeto, que perpassou por diversas lendas ao longo do ano. O museu foi o desfecho de um ano cheio de africanidades, onde puderam observar, relacionar, apreciar, sanar curiosidades e se manifestar. O museu também não contou com visita monitorada, pois não ofereciam monitores para a faixa etária das joaninhas. Embora já chegamos com um repertório repleto de saberes



sobre a cultura afro-brasileira, a visita teria sido mais proveitosa se alguém preparado para atender ao público infantil tivesse nos acompanhado. “Visitar um museu ou uma instituição cultural pode ser algo desinteressante para as crianças pequenas. Entretanto, se a equipe do setor educativo tiver uma proposta para a faixa etária, os alunos se beneficiarão de aprender no espaço onde se situam obras originais” (IAVELBERG, 2013, p. 117).

Trazer a cultura marginalizada e segregada para dentro da escola é uma construção coletiva, que envolve famílias, bairro, educadores, crianças em contextos muitas vezes distantes dos hábitos que vigoram na creche. Ressignificar o que é entendido por Arte na Educação Infantil ainda é uma barreira para muitos educadores da Infância. Analogamente aos Círculos de Cultura² conforme nos apresenta Freire (1983), tratam do cotidiano das pessoas e suas memórias, não subjugando a cultura popular à cultura erudita. Assim como Marina (1995, p. 138) acredito que para as crianças, “a memória não é tanto um armazém do passado, mas um limiar do porvir. Não se ocupa de restos, mas de sementes”. Portanto, a interlocução cultural entre culturas africanas, infantis, indígenas e europeias são consideradas em paridade de importância. “[...] nossa memória é uma memória de significados, que retém apenas aquilo que fala diretamente à nossa vida. Por isso, um ensino calcado sobre a memorização mecânica tende a não produzir aprendizagem alguma” (DUARTE; JUNIOR, 1994, P.32)

Conhecer, ocupar, frequentar e demarcar territórios da infância na cidade deveria ser uma das principais preocupações das creches. O espaço destinado às crianças na cidade não deveria se restringir aos muros da escola, mas sim ir além das próprias demarcações da cidade. Explorar novos espaços, conhecer novas possibilidades de aprendizagem é uma rica ferramenta para que as crianças zelem pelos bens públicos e construam o sentimento de pertencimento à urbe, mas para isso é necessário exigir dos governantes políticas públicas para o acolhimento e atendimento de bebês e crianças pequenas. Educação para o acesso democrático à cidade começa na pequena infância.

² “O Círculo de cultura consiste em um espaço de diálogo entre aprender e ensinar, onde não se tem um objeto, mas que todos são sujeitos de trocas de novas hipóteses de leitura de mundo” (Freire, 1994:155)



Referências bibliográficas

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

DUARTE, Joao-Francisco; JUNIOR, João Francisco Duarte. Fundamentos estéticos da educação. Papyrus Editora, 1994.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983

IAVELBERG, Rosa. Desenho na educação infantil. Editora Melhoramentos, 2013.

Marina, José Antonio. Teoria da Inteligência criadora. Lisboa: Caminho, 1995

PINCOTECA[Site institucional]. Disponível em<<https://pinacoteca.org.br/programacao/ernesto-neto-sopro/>> acesso em 10 de nov. de 2019

WALSH, C. Estudios (inter)culturales en clave de-colonial. Tabula Rasa, Bogotá, n. 12, p. 209-227, enero/jun. 2010